

ASSOCIAÇÃO ENTRE APEGO MATERNO-FETAL E PERCEPÇÃO DO APOIO DO PAI DO BEBÊ EM GESTANTES DA CIDADE DE PELOTAS/RS

LUIZA GONÇALVES MATIAS¹; ISADORA TERRES GULARTE²; HELENA MUSWIECK GRILL³; DANIELE BEHLING DE MELLO⁴; FERNANDA TEIXEIRA COELHO⁵; RICARDO TAVARES PINHEIRO⁶

¹Universidade Católica de Pelotas – luiza.matias@sou.ucpel.edu.br

²Universidade Católica de Pelotas – isadora.gularte@sou.ucpel.edu.br

³Universidade Católica de Pelotas – helena.grill@sou.ucpel.edu.br

⁴Universidade Católica de Pelotas – danielle.mello@sou.ucpel.edu.br

⁵Universidade Católica de Pelotas – fernanda.tcoelho@sou.ucpel.edu.br

⁶Universidade Católica de Pelotas – ricardo.pinheiro@ucpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O apego materno-fetal (AMF) corresponde ao vínculo que a gestante desenvolve pelo bebê durante a gravidez e tem repercussão na gestação, no nascimento e no relacionamento mãe-bebê. (BALLE, 2017) Segundo a teoria do apego, à medida que a criança cresce e se desenvolve, estabelece-se uma vinculação e uma imagem de si e do outro a partir da procura de proteção, carinho e conforto dentro das suas relações com seus cuidadores. (BOWLBY, 1989) Assim, o AMF desempenha um papel importante na saúde mental do bebê que está por chegar. (PERRELLI, ZAMBALDI, CANTILINO, & SOUGEY, 2014)

A participação do pai no período gestacional pode contribuir com o aumento do vínculo familiar, além de favorecer a autoestima paterna. Há possibilidade dos pais participarem da gestação de seus filhos, tanto diretamente, por meio de comportamentos como acompanhar exames e consultas, quanto indiretamente, disponibilizando-se como figura de apoio para a mãe e expressando seu envolvimento emocional. Ainda, o pai exercendo a função de companheiro, transmite segurança à mãe, contribuindo para o estabelecimento de vínculos sólidos e possibilitando que seus filhos sejam crianças emocionalmente seguras. (FERREIRA, T. N. et al., 2014) Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi verificar a relação entre o apego materno-fetal e a percepção de apoio do pai do bebê, em gestantes na cidade de Pelotas/RS.

2. METODOLOGIA

Trata-se de estudo transversal aninhado a um estudo longitudinal que acompanha mulheres desde a gestação até o desenvolvimento do bebê, na cidade de Pelotas. A amostra inicial foi composta por mulheres com até 24 semanas gestacionais, e se deu por visitas domiciliares, entre os anos de 2016 e 2018, nas residências de 244 setores censitários sorteados dos 488 que compõem a zona urbana da cidade, segundo a Malha do Censo do ano de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (IBGE, 2012)

A primeira avaliação ocorreu no momento da identificação da gestante e, no presente estudo, foram utilizados os dados referentes ao acompanhamento realizado 60 dias após a primeira avaliação. As participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o estudo maior foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pelotas (CAAE 47807915.4.0000.5339, Parecer 1.174.221).

Para avaliar o AMF foi utilizada a Escala de Apego Materno-Fetal. É composta de 24 itens com respostas do tipo *Likert* que variam de 1 a 5 pontos, e avaliam comportamentos e sentimentos da mulher em relação à sua gravidez e à preparação para o nascimento do bebê. A pontuação total varia de 24 a 120 pontos e, pontuações mais altas indicam níveis mais elevados de AMF. (CRANLEY, 1981; FEIJÓ, 1999)

Para identificar a percepção da gestante sobre o apoio do pai do bebê, foram utilizadas as seguintes perguntas: “Você vive/mora com ele?”, “Tu te sentes apoiada por ele em relação à gestação?” e “Como foi a reação dele quando soube da gravidez?”.

Os dados foram codificados e, após, duplamente digitados no EpiData 3.1. A análise dos dados foi realizada através do IBM SPSS 22.0. Para análise univariada, utilizou-se frequências absoluta e relativa, média e desvio-padrão e para a análise bivariada, utilizou-se Teste t e ANOVA.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram avaliadas 840 mulheres. Verificou-se uma média na escala de AMF de 98,6 pontos (DP±11,6). Ainda, 11,4% (N=96) das gestantes não viviam com o pai do bebê, 4,6% (N=39) consideravam não ter o apoio do pai do bebê e, no que se refere à reação do pai quando soube da gravidez, 92,7% (N=779) relataram que o mesmo ficou contente, 3,1% (N=26) que foi indiferente, 2,4% (N=20) não gostou, e 1,8% não tinham contato com o pai do bebê.

Na análise bivariada, encontrou-se que a média de AMF foi estatisticamente menor entre as mães que não viviam com o pai do bebê ($p < 0,001$) e que acreditavam não ter o apoio do pai do bebê na gestação ($p = 0,042$). Ainda, com relação à reação do pai do bebê, a média de AMF das gestantes às quais o pai ficou contente foi de 98,9 pontos (DP±11,5), entre as que o pai mostrou-se indiferente foi de 95,9 pontos (DP±10,7), entre as que o pai não gostou foi de 94,6 pontos (DP±14,3) e entre as que não tinham contato com o pai do bebê foi de 92,3 pontos (DP±12,4), sendo a diferença entre os grupos estatisticamente significativa ($p = 0,032$).

Conforme o observado, podemos associar a maior média de AMF com apoio do pai do bebê percebido pela gestante. Estudos semelhantes encontraram que o apoio do parceiro esteve positivamente associado ao vínculo mãe-bebê, tanto durante a gravidez como no pós-parto. (CUIJLITS et al., 2019; DA ROSA et al., 2021) Assim, ter o apoio emocional de um parceiro, pode ser um fator protetivo contra o desenvolvimento de problemas de saúde mental como depressão e transtorno de ansiedade (PILKINGTON et al., 2016; STAPLETON et al., 2012), além de ajudar a promover sentimentos positivos em relação à criança.

Os resultados de DE WAAL et al. (2022) demonstram que o apoio do parceiro está indiretamente associado ao desenvolvimento socioemocional da criança através do vínculo mãe-bebê, enfatizando a importância de ter um parceiro que a apoie durante a gravidez e após o nascimento do filho. No estudo de CUIJLITS et al. (2019), os autores relataram que o apoio do parceiro foi um fator de proteção para o vínculo pré e pós-natal ideal, assim como o envolvimento com os movimentos fetais para o vínculo pré-natal. Além disso, o apoio do parceiro pode mediar os efeitos de segurança interpessoal e da satisfação no relacionamento das mães, concluindo que uma relação de apoio e de alta qualidade com o parceiro durante a gravidez pode contribuir para melhorar o bem-estar materno e infantil pós-parto. (STAPLETON et al.; 2012)

4. CONCLUSÕES

A gestação pode ser um período estressante e ter a possibilidade de compartilhar incertezas ou preocupações, como, por exemplo, em relação às expectativas para o futuro do bebê, pode ser crucial. (DARVILL et al., 2010) Portanto, o apoio do parceiro neste período faz-se de suma importância, como demonstrado anteriormente. A fim de ajudar a promover esse vínculo, cabe aos profissionais que acompanham a gestante incentivar a participação do pai nas consultas, ao casal conversar sobre suas expectativas e anseios quanto a maternidade e paternidade e informá-los sobre os benefícios dessa relação de apoio para o relacionamento e para a criança.

Ressalta-se a necessidade de mais estudos sobre o assunto, considerando a mudança dos papéis de gênero na sociedade e sua influência nas experiências de maternidade e paternidade, fomentando discussões sobre a participação masculina nesta etapa da vida e sua importância para saúde psicológica da mãe e do filho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLE, R. **Apego materno fetal e vínculos parentais em gestantes**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Programa de Pós-Graduação em psicologia da Universidade do Vale do Rio Sinos, UNISINOS.

BOWLBY, J. **Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CRANLEY, M. S. Development of a tool for the measurement of maternal attachment during pregnancy. **Nursing Research**, Wisconsin-Madison, v.30, n.52, p. 281 - 284, 1981.

CUIJLITS, I., VAN DE WETERING, AP., ENDENDIJK, JJ., VAN BAAR, AL., POTHARST, ES., & Pop, VJM. Risk and protective factors for pre- and postnatal bonding. **Infant Mental Health Journal**, Michigan, v.40, n.6, p. 1 - 16, 2019.

DA ROSA, K. M.; SCHOLL, C. C.; FERREIRA, L. A.; TRETTIM, J. P. et al. Maternal-fetal attachment and perceived parental bonds of pregnant women. **Early Hum Dev**, 154, p. 105310, Mar 2021.

DARVILL, R.; SKIRTON, H.; FARRAND, P. Psychological factors that impact on women's experiences of first-time motherhood: a qualitative study of the transition. **Midwifery**, 26, n. 3, p. 357-366, Jun 2010.

FEIJÓ, M. C. C. Validação brasileira da "Maternal-Fetal Attachment Scale". **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Brasil, v.51, n.4, p. 52 - 62, 1999.

FERREIRA, TN., DE ALMEIDA, DR., DE BRITO, HM., CABRAL, JF., MARIN, HA., CAMPOS, FMC., MARIN, HC. A importância da participação paterna durante o pré-natal: percepção da gestante e do pai no município de Cáceres - MT. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, Brasil, v.5, n.2, p. 337 - 345, 2014.

Instituto Brasileiro de geografia e estatística (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE; 2012.

LUCENA, A. d. S.; OTTATI, F.; CUNHA, F. A. O apego materno-fetal nos diferentes trimestres da gestação. **Psicologia para América Latina**, p. 13-24, 2019.

DE WAAL, N., BOEKHORST, M., NYKLICEK, I., POP, V. Maternal-infant bonding and partner support during pregnancy and postpartum: Associations with early child social-emotional development. **Infant Behavior and Development**, Local de Edição, v.72, p. 101871, 2023.

PERRELLI, J. G. A., ZAMBALDI, C. F., CANTILINO, A., & SOUGEY, E. B. Instrumentos de avaliação do vínculo entre mãe e bebê. **Revista Paulista de Pediatria**, Brasil, v.32, n.3, p. 257 - 265, 2014.

PILKINGTON, P. D.; WHELAN, T. A.; MILNE, L. C. Maternal crying and postpartum distress: the moderating role of partner support. **Journal of Reproductive and Infant Psychology**, 34, n. 1, p. 64-76, 2016/01/01 2016.

SCHMIDT, E. B.; ARGIMON, I. I. d. L. Vinculação da gestante e apego materno fetal. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, 19, 2009.

STAPLETON, L. R.; SCHETTER, C. D.; WESTLING, E.; RINI, C. et al. Perceived partner support in pregnancy predicts lower maternal and infant distress. **J Fam Psychol**, 26, n. 3, p. 453-463, Jun 2012.

STREINER, D. L. Starting at the beginning: An introduction to coefficient alpha and internal consistency. **Journal of Personality Assessment**, 80, n. 1, p. 99-103, 2003.